

COMÉRCIO

A comunidade árabe no comércio da fronteira

Imigrantes se estabeleceram no comércio fronteiriço ao longo das últimas décadas e, hoje, assumem protagonismo econômico

Ana Stobbe

Quase 500 quilômetros separam Porto Alegre de Santana do Livramento, na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. O pago santanense fica ainda mais distante de Dionísio Cerqueira, na Fronteira brasileira com a Argentina, de onde partia um corcel azul que migrava do Paraná rumo ao extremo Sul do País. “Eu me lembro até hoje do cheiro do carro”, lembra, nostálgico, o empresário Raed Shweiki, de 48 anos, que percorreu o trajeto aos cinco anos de idade, ao lado dos pais.

Filho de pai palestino, da cidade de Hebron, e mãe jordaniana, Raed herdou deles a vocação pelo comércio – área de forte atuação da comunidade árabe instalada na cidade. “A cultura árabe sempre foi do comércio. Ele surgiu com os fenícios, que percorriam o Mediterrâneo”, conta o empresário. A veia comerciante está tão intrínseca às famílias imigrantes que, quando questionado sobre quando começou a atuar no setor varejista, Raed responde, em tom bem humorado: “eu sou árabe! Já nasci dentro das lojas”.

A imigração árabe ao Brasil iniciou entre o final do século XIX e o começo do século XX, especialmente relacionado ao domínio do Império Turco-Otomano nos seus países e a perseguição perpetrada contra os árabes cristãos do Líbano e da Síria. Na sequência, os palestinos chegaram ao País, a partir da criação do Estado de Israel, em 1948, e a escalada dos conflitos na região.

No Brasil, foi no comércio que encontraram uma maneira de levar a vida. Inicialmente, desenvolveram a profissão de mascates. Depois, abriram pequenos negócios. E, hoje, comandam importantes lojas e até mesmo free shops em Santana do Livramento – o que leva o guia turístico e turismólogo Amir Omar a denominar informalmente a região central da cidade de “Bairro Árabe”.

A escolha da comunidade em se situar na fronteira brasileira com o Uruguai, para Raed, tem uma explicação. “As fronteiras sempre



Raed Shweiki, descendente de palestinos, possui quatro lojas em Livramento

têm um comércio pujante, são dinâmicas. Aqui, tudo se dá um jeito. Uruguai e Brasil se misturam. Os primeiros árabes se instalaram aqui, abriram seus comércios e atraíram outros conterrâneos. Aí que se criaram as colônias nas fronteiras, em Uruguiana, Foz do Iguaçu (Paraná), Santana do Livramento, Chui, Bagé, Aceguá e outras. Até no Mato Grosso, tem. Onde tem fronteira, o comércio vai se instalando, agregando e trazendo pessoas”, avalia Raed.

Mas é válido ressaltar que a vocação comerciante, em muitos casos, surgiu no Brasil. Nas suas origens, muitos árabes que migraram ao Rio Grande do Sul tinham outras funções. Foi o caso, inclusive, do pai de Raed. “A gente brincava que ele era que nem o Seu Madruga (personagem do seriado Chaves), porque já trabalhou com tudo. Ele foi sapateiro, fabricante de perfume... Tudo que puder imaginar. Ele era um guri que veio para cá com 20 e poucos anos. E tinha um espírito descobridor, jovem, que queria sair para conhecer o mundo”, relembra.

Não à toa, percorreu diferentes cidades, até mesmo com uma temporada de retorno à Palestina, antes de retornar ao primeiro local em que se instalou quando chegou ao Brasil: Santana do Livramento. “É uma cidade que te acolhe”, conta Raed. Ali, ele iniciou seus negócios, que atualmente são quatro: duas lojas Casa Guri e duas Casa Palestina, todas do lado brasileiro da fronteira. Antes do pai de Raed falecer, a mãe dele começou a administrá-los e, atualmente, é o filho do casal quem se responsabiliza pelos empreendimentos.

“Você vê que a maioria dos free shops são de árabes ou

descendentes de árabes. Então a influência do comércio, no lado brasileiro e no uruguaio, é formada com uma grande presença e ajuda da comunidade árabe, que já está na sua quarta ou até quinta geração. Tem árabes, hoje, que trabalham como profissionais liberais, médicos, advogados, etc. Mas a presença segue muito forte no comércio, que foi o que os uniu no início da imigração”, avalia Raed.

Atualmente, Santana do Livramento possui cerca de 700 pessoas de origem árabe, entre imigrantes e descendentes, conforme estima o presidente da Sociedade Árabe Palestina do município, Nasser Judeh. A associação, criada em 1980, realiza eventos de confraternização e reuniões da comunidade. De acordo com o dirigente, a maioria são palestinos e seus descendentes. Em escala menor, também integram o grupo libaneses, sírios e jordanianos. E a atuação econômica dessas nacionalidades é destacada por ele.

“No comércio é indiscutível a importância dos empresários de origem árabe na cidade, com muitos estabelecimentos comerciais, lojas e supermercados, gerando um importante número de empregos e contribuindo decisivamente para o desenvolvimento da região. Sem falar na atuação beneficente e na ajuda aos mais carentes, inclusive nas calamidades climáticas, como as enchentes de 2024”, avalia Nasser.

O tema é, também, destacado pelo presidente do Sindilojas da cidade, Sérgio Oliveira. “Esse processo de multiculturalismo é extremamente benéfico. Porque soma e agrega muito. Isso faz a diferença”, destacou em entrevista durante o evento do Mapa Econômico do RS.

Câmbio variável e economias binacionais afetam os negócios

Se o comércio já é afetado por variações macroeconômicas dentro de um único país, nas fronteiras, é necessário dar conta das flutuações de dois países. De mudanças no câmbio às crises, os empreendedores estão sujeitos aos riscos financeiros permanentemente.

A família do empresário Raed Shweiki chegou a Santana do Livramento após o fechamento de um negócio na fronteira paranaense com a Argentina, em virtude de uma crise econômica no país vizinho.

“Meu pai veio para o Brasil na década de 1950. Tivemos lojas em outras cidades, mas não dava certo, fechávamos e íamos para outro lugar. Quando viemos para Livramento, em 1982, foi por conta da guerra. Seis meses depois de abrimos a loja, começou o conflito nas Malvinas. E

tivemos que ir embora, porque não tinha o que fazer, a loja praticamente fechou. Não tinha ninguém na rua. Íamos esperar quebrar? Já estava praticamente quebrada. Lojas pequenas não têm muita gordura para queimar. E aí viemos para cá e fundamos uma das lojas mais antigas de Santana do Livramento no setor de calçados”, conta.

Mesmo em solo gaúcho, ele segue vivenciando as variações econômicas. “Se acontecer do dólar vir a R\$ 2,00, os free shops do lado uruguaio vão vender tudo. E nós vamos chupar o dedo. Porque é uma balança. Se for a R\$ 10,00, por exemplo, venderemos para o mundo inteiro. As medidas econômicas precisam ser em doses homeopáticas, porque, se não, pode quebrar um determinado lado”, aponta o empresário.

A relação que deu a Livramento e Rivera o título de Fronteira da Paz

O multiculturalismo é uma das principais características das comunidades de fronteira. Andando pelo centro de Santana do Livramento, no Brasil, que faz fronteira com Rivera, no Uruguai, oportunhol é a regra. De frases iniciadas em espanhol e terminadas em português ou vice-versa, a perguntas realizadas em um idioma e respondidas em outro, a mistura de diferentes nacionalidades é nítida. E a liberdade de ir e vir em uma cidade cortada por uma linha imaginária a rendeu justamente o título de “Fronteira da Paz”.

Conforme o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2022, Santana do Livramento possui 84.421 habitantes. Mas coexistem com eles os 84.775 moradores de Rivera, mapeados pelo recenseamento uruguaio mais recente, de 2023. É uma população, que, somada, quase alcança 170 mil pessoas e que transita cotidianamente de um lado ao outro da fronteira.

Recentemente, a população migrante foi ampliada, conforme o cônsul brasileiro em Rivera, Anuar Nahes. “Tem cubanos que se estabeleceram aqui porque o Uruguai aceita automaticamente o diploma deles. E eles ficam na fronteira para buscar oportunidades em ambos os países”, exemplifica.

A comunidade paquistanesa também tem crescido, especialmente para atuarem como médicos. E até mesmo chineses são vistos pelas ruas, embora em menor intensidade.

É na cidade que nacionalidades em guerra, muitas vezes, se unem. “Um médico que era muito amigo do meu pai, palestino, era judeu. Uma história muito interessante. Uma vez, minha irmã veio para cá e trouxe os filhos dela, que eram crianças. Aí veio visitar ela uma amiga que levou os filhos de ascendência judaica, ou israelense. As crianças estavam brincando até descobrirem que um era palestino e o outro judeu. Perguntaram para a mãe sobre isso e ela disse que não tinha problema nenhum. As crianças brincaram e choraram quando foram embora. Fomos ensinados a brigar, mas não precisamos”, relembra o empresário Raed Shweiki, descendente de palestino e lojista no lado brasileiro da fronteira.

Assim, na linha invisível que separa Brasil e Uruguai, Santana do Livramento segue vivendo uma rotina de encontros. Entre vitrines, conversas emportunhol, dólares, pesos e reais, as famílias de brasileiros, uruguaio e imigrantes coexistem. E a fronteira reafirma diariamente que pertencimento não se limita a mapas.